

# **Exprimir-se, ser escutado, engajar-se: pensamento de Paulo Freire nas práticas educativas não formais de jovens em Salvador-Bahia**

Denise Helena Pereira Laranjeira<sup>1</sup>

## **Introdução**

Este artigo visa identificar a matriz freireana na análise dos resultados das experiências de Educação Não-Formal (ENF) vivenciada por jovens do Bairro de Plataforma – subúrbio ferroviário da cidade de Salvador – observadas na Associação de Moradores “Chico Mendes”. Na concepção aqui adotada a ENF se refere às atividades pedagógicas estruturadas e desenvolvidas nos meios não-escolares, de maneira a favorecer a participação na coletividade.

A opção pelo subúrbio ferroviário de um grande centro urbano está diretamente apoiada nos estudos segundo os quais é especialmente nesses cenários que mais se evidencia a ausência do Estado no campo das políticas públicas, e onde se concentra a população jovem desfavorecida econômica, social e culturalmente, e em consequência, suscetível à situação de risco social.

O desemprego estrutural e o aumento do emprego informal entre outros vieram afetar dramaticamente a juventude, sobretudo aquelas dos setores mais empobrecidos da sociedade. Embora a educação seja um fator estratégico na inserção sócio-profissional, tanto nos países ricos quanto pobres (DELORS, 1996) permanecem acentuadas desigualdades na formação dos jovens (FREIRE, 2002). Nesse contexto foi possível observar a presença de práticas educativas que pretendem ser emancipatórias, objetivam a inclusão social, cujos princípios não estão descolados da pedagogia do oprimido (FREIRE, 1988).

Dois objetivos orientaram este trabalho: mostrar o significado do “ser jovem” para esses sujeitos, no bairro de Plataforma e analisar suas representações sobre a educação não-formal (ENF) como meio de inserção sócio-profissional.

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta de Sociologia da Educação na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)-Bahia. Doutora em Educação pela Université de Sherbrooke – Québec – Canadá.

Foram sujeitos dessa investigação dez jovens (quatro homens e seis mulheres), na maioria negros, entre 17 e 26 anos de idade, que freqüentavam as oficinas de teatro, de eletricidade e o Programa Agente Jovem<sup>2</sup>. Um membro da diretoria, uma professora de teatro e um padre da paróquia local também participaram da pesquisa.

Entre os jovens, os temas abordados versaram sobre a motivação, a aprendizagem, a experiência escolar, os impactos pessoais e sociais das experiências na educação não-formal e os projetos futuros. A inclusão de outros participantes — lideranças comunitárias e educadores —, acrescentou informações sobre a realidade cotidiana dos jovens do ponto de vista da família, da escola, das oficinas e do trabalho.

Vale ressaltar que os princípios de Freire como abordaremos a seguir estão subjacentes nas práticas pedagógicas observadas, sobretudo na oficina de teatro. Mesmo que o educador não faça menção direta ao pensador, sua filosofia emancipatória emerge na relação dos sujeitos envolvidos. O acolhimento, a escuta respeitosa, o questionamento sobre a realidade, o diálogo horizontal entre outros permeiam a prática educativa na oficina.

### **A educação não formal no pensamento de Paulo Freire**

Para Freire (2002), a educação é um ato político e um ato de construção da cidadania nas sociedades divididas em classes nas quais predominam a exclusão social. De um lado o autor faz uma crítica à escola formal, e de outro, ele propõe as bases de uma nova educação, cuja filosofia contribuiu para uma pedagogia crítica com repercussão não apenas na América Latina, mas no mundo. Assim, compreendo o pensamento e a produção teórico-metodológica

---

<sup>2</sup> A oficina de teatro denominada Espaço Livre de Teatro que tem o apoio de uma Ong austríaca, nasce de um programa de extensão da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Sua filosofia tem vínculos com o Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Essa oficina tem por objetivo formar jovens no domínio das artes cênicas, formar multiplicadores nos projetos de arte e educação nos bairros populares, despertar a consciência crítica e a valorização da história local. A oficina de eletricidade é ofertada pela paróquia local em convênio com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI; tem por objetivo oferecer uma formação profissional e transmitir idéias / práticas de cidadania. E por fim, o programa federal Agente Jovem, reúne jovens “em situação de risco social”, cujas famílias devem comprovar estado de pobreza. Os jovens recebem uma bolsa de estudo. Entre seus objetivos estão a preparação dos jovens para o mercado de trabalho e a sua inserção nas atividades sociais de sua comunidade.

de Paulo Freire como um marco fundador na educação e na sociedade brasileira. O método revolucionário de alfabetização que leva seu nome materializou tal concepção inovadora no campo da educação.

A educação formal baseada na pedagogia tradicional, centrada na memorização mecânica e na passividade do educando, concebida por Freire como “educação bancária”, destitui os sujeitos de sua humanidade, desejo e liberdade tornando-os objeto. O educando para Freire (*apud* PEREIRA, 1993) naquele contexto “é um sujeito oprimido e marginalizado pelas forças sociais, que vive sob a mística mágica do senso comum, mas que tem amplas possibilidades de realização” (p. 77).

Na pedagogia crítica, a atividade educativa tem o sentido de “ação cultural” para a “conscientização” e transformação social (FREIRE, 2002, p. 109). Nessa concepção o saber deve passar por um processo dialógico possível nas relações horizontais. Na interpretação de Pereira (1993), analisando, a relação educador e educando, no ponto de vista freireano, a intersubjetividade é elemento chave na comunicação humana. O processo de conhecimento abarca a dimensão *dialógica*, compreendida enquanto comunicação entre sujeitos pensantes mediados pelo objeto pensado por meio de signos lingüísticos (p. 77).

O educador é um colaborador, dialoga com os sujeitos a partir de situações concretas e no contexto cultural dos participantes. O espaço de construção do conhecimento destinado aos setores subalternos da sociedade está ancorado no cotidiano e responde às necessidades dos indivíduos e coletividade. Para Torres (1990), esta abordagem encoraja a criação de formas alternativas de educação, não acadêmicas, independentes do Estado e inseridas no coração da sociedade civil. Na perspectiva dos autores consultados, os contextos político e socioeconômico têm centralidade, bem como os códigos culturais que participam do processo de construção do saber, cuja finalidade principal é a transformação da sociedade para torná-la mais justa e igualitária (FREIRE, 2002).

### **O contexto espacial e sócio econômico dos jovens entrevistados**

De acordo com Pochmann (2005), no Brasil, aproximadamente 49% do desemprego correspondem à faixa etária de 15 a 24 anos, totalizando 3,3 milhões de jovens desempregados. Segundo a Pesquisa Emprego e Desemprego, na Região Metropolitana de Salvador (RMS), no mês de maio de 2005, a população na faixa etária entre 18 e 24 anos desempregada, correspondia a 38,9%. No mesmo período, 89,9% dos desempregados eram constituídos de negros e 10,1% de brancos (SEI, 2005).

O subúrbio ferroviário de Salvador, particularmente o bairro de Plataforma é marcado pelos contrastes entre a beleza geográfica e a típica pobreza estigmatizante dos bairros “periféricos”, bem como por uma rede de organismos de cunho associativo e/ou comunitário que emergiram em alguns casos no período de ascensão dos movimentos sociais, foi o *locus* escolhido para o trabalho de campo.

Esse bairro, um dos mais antigos de Salvador, situa-se à beira do Oceano Atlântico. Constituiu-se como Vila Operária na segunda metade do século XIX, a partir da inauguração da via férrea e instalação de uma fábrica de produtos têxteis, hoje desativada e em ruínas.

Os anos 1980, conforme Espinheira (2004) marcam mais fortemente a concentração de uma população pobre que vai ocupando os espaços por meio de ocupações ou pelos programas habitacionais governamentais. A precariedade das condições de moradia, de saúde, de educação, de lazer, de cultura e de trabalho acentuou tanto o empobrecimento quanto o agravamento da violência, sobretudo entre os jovens. No bairro de Plataforma, as ocupações predominantes espelham a precariedade do emprego tanto pela sua ausência quanto pelo seu caráter informal. A pesca artesanal, o trabalho doméstico, o pequeno comércio de rua, entre outras ocupações se apresentam como alternativas de sobrevivência para homens e mulheres.

As lacunas do ensino regular e profissional, associadas a tantas outras no plano dos direitos sociais e políticos, no âmbito nacional e local (Salvador), impulsionaram intervenções educativas não-formais em diferentes espaços paralelos à escola (GOHN, 1999).

Em Plataforma focalizou-se o trabalho desenvolvido pela Associação de Moradores “Chico Mendes” (nome fictício), pioneira na oferta de cursos de iniciação profissional no bairro e referência entre os moradores enquanto rede de apoio para a população trabalhadora, frente a ineficiência do Estado. Iniciativas solidárias como essa num território tão demarcado pelo alheamento da população dos benefícios materiais e culturais de uma metrópole, reafirma a atualidade do pensamento de Freire diante da permanência da exclusão desses jovens.

### **O “saber ser”, o fazer e o engajamento: caminhos possíveis para a inclusão social**

Como campo de estudo e pesquisa, a interface dos temas juventude, etnia e experiências não-escolares ainda merece ser explorada. No campo metodológico, o aspecto qualitativo norteou a realização de entrevistas de média e longa duração bem como registros feitos num diário de bordo. Esses dados foram organizados a partir de alguns temas chaves entre eles, destacamos aqueles pertinentes para esse artigo: o desenvolvimento pessoal e a contribuição da experiência na ENF para a comunidade local, o desenvolvimento profissional, a identificação do jovem com a oficina e as relações interpessoais; a relação dos jovens entre eles, as relações positivas/colaborativas entre a educação não formal e formal, as dificuldades encontradas; as singularidades das trajetórias e a projeção de futuro que fazem os participantes.

Todos os depoimentos<sup>3</sup> dos jovens destacam o papel da ENF no seu desenvolvimento pessoal, interferindo positivamente em sua sociabilidade. O “saber ser”, expressão empregada

---

<sup>3</sup> Por motivos éticos, os participantes são designados por nomes fictícios.

por um dos jovens quando da avaliação de sua vivência nas oficinas, contempla um dos principais temas deste estudo. Nas palavras de Narciso (26 anos):

O teatro serve para valorizar a si mesmo [...] No momento da cena você se sente seguro, dono da situação, é o seu próprio mestre. Por um instante você é uma estrela [...]. Também isso acontece no dia-a-dia. [...] Eu sou alguém, tenho meu espaço [...].

Segundo Moema (20 anos): *“Cada vez mais eu compreendo melhor as coisas, o cotidiano. Eu desenvolvi, nesta experiência, o escutar o outro, e agora compreendo melhor o que uma pessoa me diz [...]”*.

As falas desses jovens mostram que se percebem como atores, ocupam um lugar no grupo. É aí que se encontra a idéia de engajamento, produzido pela aprendizagem *dialógica* e pela *ação*. A relação pedagógica como observou Freire, vai além do espaço tradicional – escola, professor e aluno – e quando permeada pela confiança e respeito resultam em processos de mudança e transformação dos sujeitos envolvidos (FREIRE, 1988, 2002).

A escola pública, como observou a maioria dos participantes, não é democrática porque os discrimina, não os motiva ou até mesmo não lhes permite aprender. Pagu afirma que a escola “tenta passar uma imagem democrática” e que inexistente “igualdade”. O acesso à educação formal não traduz para o conjunto dos jovens, a inserção social e profissional. Ao contrário acaba por reafirmar a segmentação sociocultural e profissional (ESPINHEIRA, 2004). Por outro lado, pela ENF despertam o gosto pela história, pela resolução de problemas no grupo e passaram a ser valorizados pelo seu novo saber. Sob o ponto de vista de uma das animatrizes, eles se tornaram “agentes culturais” na escola.

Os depoimentos de uma das animatrizes responsável pelo grupo de teatro, vão ao encontro da perspectiva pedagógica freireana. Dione salienta a importância do estímulo, da autonomia e da autoconfiança: *“Todo dia eu digo a eles, a formação é para conquistar a independência, compreendem guerreiros? Eu não sou mãe, não sou professora, aqui é uma formação para guerreiros!”*.

Os jovens na oficina parecem ter a liberdade de expor suas opiniões, ao passo que na escola, devem segundo alguns depoimentos, ouvir passivamente o que o professor tem a dizer. A animatriz faz a seguinte observação sobre o erro e/ou a dúvida: “*a dúvida é o primeiro passo em direção à verdade [...] sem ela você não tenta [...] errar lá [na oficina] é um prazer [...]*”. Diante dessa prática pedagógica não formal identifiquei mais uma vez os ideais freireanos.

Fernandes e Viola (2005) notam semelhanças no pensamento de Freire e Gramsci, lembram que para ambos pensadores, a autonomia é “possibilidade pedagógica de atuar na sociedade como forma de superar as concepções dominantes” como forma de construção do conhecimento não como reprodução, mas como possibilidade de atuação crítica para superação do senso comum (este não é um conhecimento inferior) ou do pensamento ingênuo. E é pela dúvida que podemos ser criativos e autônomos, ao buscarmos respostas para os problemas que emergem da realidade. Nesse espírito, respeito e autonomia são “imperativos éticos” na relação de aprendizagem.

Os princípios de autonomia e responsabilidade são inerentes à inserção do jovem no mundo adulto ou condição para a ultrapassagem da minoridade (BOURDON, 2001). Ele se constitui enquanto sujeito de direitos de pertencimento à cidade, portador de subjetividade, necessidades e desejos que lhe são próprios.

Segundo o depoimento da animatriz Dione:

Os jovens devem aprender a pensar [...] no grupo eu procuro praticar o exercício do ensinamento, eu estou lá para provocar [...] à medida que você aprende você pode **transformar e descobrir a maneira de tornar possível as coisas que você deseja [...]** eles questionam tudo e não aceitam mais em silêncio. (Meu grifo)

Na fala dessa educadora ficaram registrados preceitos caros a Freire: a autonomia do pensamento, o espaço problematizador, o ser sujeito e não objeto, a idéia de transgressão. O apoio emocional exercido entre eles próprios e os animadores permitiu-lhes criar uma rede

solidária presente nas relações interpessoais e de aprendizagem. O elo integrador com o outro e com o meio significou para eles a possibilidade de sair da invisibilidade, ser reconhecido, enfim, a criação de novas sociabilidades em bases mais coesas.

Contrariamente ao que se passa na experiência escolar, a maioria dos jovens mostrou interesse e sua implicação nas atividades. Conforme certos depoimentos, na escola se sentem “obrigados a aprender”, enquanto a vivência na oficina é associada aos estados de “sedução” e de “prazer”. A aprendizagem motiva, porque possui uma significação para o jovem, e integra-se à vida cotidiana, favorecendo a confiança em si e a esperança. Não por outro motivo, jovens que freqüentam a oficina de teatro, pareceram em sua maior parte ter certo “poder de implicação”, intervindo na experiência vivida na oficina, como também em outros espaços.

Apesar de seus limites (descontinuidades dos programas, problemas de ordem financeira, entre outros), estas formas alternativas de inserção, associadas ao campo artístico, cultural, além do trabalho voluntário, sensibilizam a juventude e favorecem a construção de elos identitários e as (re) definições das identidades juvenis (ROULLEAU-BERGER, 1993).

### **Conclusão**

Observou-se como diferencial demarcador entre a escola pública e a ENF as práticas e interações estabelecidas nas oficinas. A oficina de teatro manifestou uma força “catalizadora” no espaço comunitário. As múltiplas formas de linguagem no campo artístico e cultural despertam a curiosidade dos jovens. Sua singularidade não se limita à integração dos jovens no mundo sensível e corporal da arte, mas antes de tudo nos elos de natureza pedagógica e política que favorecem o desenvolvimento de uma ação reflexiva sobre si e seu entorno. É por meio das atividades artísticas que (re) integram-se consigo próprios e com o outro.

Do ponto de vista da educação profissional, os jovens da oficina de eletricidade têm um tipo de formação diferenciado, vez que, na aprendizagem pelo agir, eles podem ter acesso

a um conhecimento técnico e científico compatível com certas exigências do mercado de trabalho.

Nesse sentido, os programas ligados ao governo federal, a exemplo do Agente Jovem, mesmo portando ganhos de ordem material por meio de uma bolsa de estudo e contribuindo para a elevação da auto-estima do público alvo, adotam, entretanto, uma perspectiva mais compensatória que crítica. Ainda quanto aos programas federais, deve-se destacar a falta de uma formação profissional mais específica e práticas de aprendizagem sistematizadas que permitiriam desenvolver as habilidades de leitura e escrita. Consta-se que tais ações não seriam suficientes para preencher as condições de “plena integração” social (CASTEL, 1999), vez que restam as lacunas das políticas públicas eficazes e capazes de contribuir para a superação do estado de vulnerabilidade do jovem.

É nesse contexto de incerteza concernente à inserção pelo trabalho e de fragilidade na formação identitária do jovem por instituições como a família e a escola, que as experiências da ENF parecem representar uma alternativa de inclusão social para a maior parte dos jovens.

Por fim, este “novo” tipo de inclusão, bem que intermitente e pouco visível é parte importante desta realidade e não poucas vezes se constitui na única opção de pertencimento encontrada pelos jovens. Uma possibilidade, portanto, de projetar “algum” futuro.

Na representação dos jovens a relação de aprendizagem é mediada pelo diálogo, num clima de confiança, de esperança e de amor, isto é, sentimentos necessários, segundo Freire, para a concretização da ação educativa. Com efeito, o processo formativo é um ato político e pressupõe sujeitos participativos, cujas ações, levam às transformações de si mesmo e de seu meio (FREIRE, 2002), um ideal ainda distante da educação formal pública no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- BOURDON, S. Les jeunes de l'école à l'emploi: l'hiperactivité comme adaptation à la précarité au Québec. In: ROULLEAU-BERGER, L.; GAUTHIER, M. (Dir). *Les jeunes et l'emploi dans les villes d'Europe et d'Amérique du Nord*. Paris: Edition de l'Aube, 2001. p. 73-85.
- CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Rio de Janeiro, Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- DELORS, J. (Org). *La educación encierra un tesoro*. Informe a la UNESCO de la Comisión Internacional sobre la educación para el siglo XXI. Madri: Santillana Ediciones UNESCO, 1996.
- ESPINHEIRA, G. (Coord.). *Sociabilidade e violência: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador*. Salvador: Ministério Público do Estado da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 2004.
- FERNANDES, C. M., VIOLA, S. E. *Autonomia e Conhecimento: aproximações possíveis entre Gramsci e Paulo Freire*. Disponível em: <<http://www.ufsm.br>>. Acesso em: 25 mai. 2006.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988.  
\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- GOHN, M.G. *Educação não formal e cultura política*. São Paulo: Cortez, 1999.
- PEREIRA, V. L. *Pensamento Pedagógico: efeitos multiplicadores das recentes concepções pedagógicas brasileiras na formação universitária do educador*. Tese (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1993.
- POCHMANN, M. Desemprego é a grande ameaça ao jovem entre 15 e 24 anos. Disponível em: <<http://www.educacionalcom.br>>. Acesso em: 02 ago. 2005.
- ROULLEAU-BERGER, L. *La Ville Intervalle. Jeunes entre centre et banlieu*. Paris: Meridien Klincksieck, 1993.
- SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Pesquisa emprego e desemprego (PED). Disponível em <<http://www.sei.ba.gov.br>>. Acesso em: 20 dez. 2005.
- SILVA, N.V.S. *Jovens brasileiros: o conflito entre o estudo e trabalho e crise de desemprego*. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- TORRES, C.A. *The politics of non-formal education in Latin America*. New York: Praeger Publishers, 1990.

